

Triplica número de pessoas com nível superior no País

Censo 2022

Triplica número de pessoas com nível superior no País

— Porcentagem de graduados é de 18,4%, de acordo com o IBGE, mas há disparidades em raça e gênero

ROBERTA JANSEN

A porcentagem da população brasileira com ensino superior completo praticamente triplicou nas últimas décadas, passando de 6,8% para 18,4%, entre 2000 e 2022. Os dados do Censo 2022 foram divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. "Em 22 anos, tivemos uma evolução surpreendente (no ensino superior); e o número de pessoas com ensino médio completo chegou a dobrar", afirmou o pesquisador Bruno Mandelli, do IBGE. "Mas o grupo dos graduados ainda é minoritário, abaixo dos 20%. No grupo dos mais envelhecidos, o acesso à educação foi mais difícil na juventude; e isso ainda tem um peso considerável na porcentagem final."

Como o Estádio também mostrou recentemente, os cursos remotos ganharam mais alunos diante da facilidade logística e dos custos mais baixos. A estatística mostra ainda que, ao mesmo tempo que o número de matrículas a distância cresce, a quantidade de alunos no presencial vem caindo. A qualidade dos programas, porém, preocupa governo e especialistas.

O que ocorreu? Período coincide com o de explosão no número de matrículas na modalidade a distância no Brasil

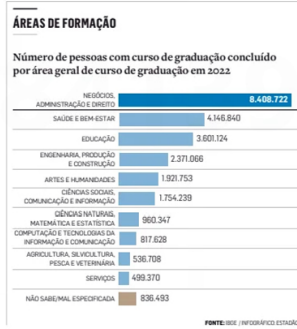
DETALHAMENTO DE DESIGUALDADES. A área que concentra o maior número de pessoas com curso superior completo no Brasil é a de Negócios, Administração e Direito (8.408.722), seguida de Saúde e Bem-Estar (4.146.840) e Educação (3.601.124).

De acordo com os dados do Censo da Educação Superior, do Ministério da Educação (MEC), em 2000 o País tinha 1.682 estudantes matriculados no ensino superior na modalidade a distância. Em 2022, esse número teve um aumento para 4,3 milhões.

Para se ter ideia, entre os graduados em Serviço Social, 47,2% eram brancos, 40,2% pardos e 11,8% pretos. A outra única área em que a porcentagem de negros (pretos e pardos) ultrapassa a de brancos é a de Religião e Teologia, em que 48,2% são brancos, 11% pretos e 39,8% pardos.

Um recorte que chama a atenção é quando se pega o tradicional curso de Medicina. Em 2022, o Brasil tinha 553.538 pessoas graduadas na área. Desse montante, cerca de 3 em cada 4 eram brancos, com 22% de negros (somados pretos e pardos). Indígenas representam apenas 0,1% dos formados na profissão e amarelos, 2,5%.

Medicina é o curso com a maior proporção de brancos do País, mas outros cursos como Odontologia e Economia têm números semelhantes - 75,4% e 75,2% de graduados brancos, respectivamente. A distribuição geográfica dos médicos, como já mostra-



São Caetano (SP) é a cidade com a melhor escolaridade do País. Entre os municípios com mais de 100 mil habitantes, a maior proporção da população com nível superior completo em 2022 foi registrada em São Caetano do Sul (48,2%). Como comparação, nesse mesmo conjunto de municípios, a cidade que registrou a menor proporção foi a de Belford Roxo (RJ), com 5,7%. Localizada na região metropolitana da capital, São Caetano tem 165 mil habitantes e uma área territorial de 15 km². No Brasil, em 2022, o número médio de anos de estudo da população com 25 anos

ou mais era de 9,6 anos. Entre as Grandes Regiões, o valor mais elevado foi registrado na Região Sudeste, 10,2 anos, e o menor valor na Região Nordeste, com 8,3 anos. No conjunto de municípios com mais de 100 mil habitantes, o maior valor registrado foi, mais uma vez, em São Caetano do Sul (SP), 12,7 anos, e o menor em Breves (PA), 6,5 anos. Além de São Caetano do Sul, há médias de anos de estudo superior a 12 anos: Niterói (RJ); Florianópolis (SC); Vitória (ES); Balneário Camboriú (SC) e Santos (SP). Em 40 municípios - 30 no Nordeste -, a média de anos de estudo da população com 25 anos ou mais era inferior a 5 anos.

vam estudos diversos, também é desigual, comprova o Censo de 2022. Enquanto no Distrito Federal está a maior concentração de médicos por habitantes - uma pessoa graduada em Medicina para cada 186,9 moradores -, no Maranhão está a menor concentração - um médico para cada 921,7 moradores. Já a divisão entre homens e mulheres na Medicina é proporcional - praticamente metade para cada gênero.

POR GÊNERO. No recorte por gênero, aliás, os números mostram que já há mais mulheres com superior completo do que homens: em 2022, elas eram 20,7% do total de graduados, ante 15,8% de homens. Já a proporção da população com 25 anos ou mais "sem instrução e fundamental incompleto" era de 37,3% entre eles e 33,4% entre elas. Um outro indicador usado pelo IBGE, de anos de estudo, também tem vantagem feminina. Na população de 25 anos ou mais, a média de anos de estudo entre elas é de 9,8 anos, e a deles é de 9,3 anos.

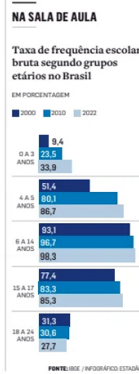
Mas há variações muito expressivas entre as áreas de graduação. Dentre as 40 áreas selecionadas especificamente pelo IBGE, a de Serviço Social foi a que mais registrou a participação feminina. Em 2022, 93% das pessoas com curso de graduação concluído nessa área eram mulheres. Elas registravam também participação expressiva em cursos concluídos em Enfermagem (86,3%) e formação de professores sem áreas específicas (92,8%). No polo oposto, 69,74% das pessoas com graduação concluída em Engenharia Mecânica e Metalurgia eram mulheres.

Cresce frequência escolar, mas sem universalização

De maneira geral, a frequência escolar cresceu em todos os grupos etários até os 17 anos de idade. Para as crianças de 0 a 3 anos, a taxa de frequência escolar bruta saltou de 9,4% para 33,9%. Dos 4 aos 5 anos, o aumento foi de 51,4% para 86,7%. Dos 6 aos 14 anos, a taxa está bem próxima da universalização, subindo de 93,1% para 98,3%. Finalmente, dos 15 aos 17 anos, a frequência escolar subiu de 77,4% para 85,3%.

A única faixa etária em que foi registrado um recuo na frequência escolar foi a dos 18 aos 24 anos: de 31,3% para 27,7%. De acordo com os pesquisadores do IBGE o dado não é necessariamente ruim: isso aconteceu porque caiu o número de jovens dessa faixa etária ainda no ensino fundamental e no ensino médio.

"Isso diz mais sobre a composição dos jovens dessa faixa etária que estavam no ensino médio ou fundamental em 2000, o que deixava o dado inflado, e não porque estavam no ensino superior", explicou a pesquisadora do IBGE Juliana Souza, que apresentou os resultados. "Nos últimos 20 anos, esse fluxo educacional foi sendo regularizado; os jovens estão se formando na idade adequada. Além disso, houve também um aumento daqueles matriculados no ensino superior."



PNE. De acordo com o Plano Nacional de Educação, a meta para 2016 era universalizar a educação infantil (4 a 5 anos), com pelo menos 50% das crianças de 0 a 3 anos na escola. Outra meta importante era de universalizar o ensino fundamental (dos 6 aos 14 anos) e médio (dos 15 aos 17 anos) e de elevar a taxa bruta de matrículas na educação superior para pelo menos 50%. Dentre os 5.570 municípios brasileiros, em apenas 646 a taxa de frequência escolar bruta das crianças de 0 a 3 anos superava os 50%. Por outro lado, em 325 municípios do País, o indicador estava abaixo dos 10%.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Metrópole **Caderno:** A **Página:** 14 e 15